

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

“UM NÓS FRENTE A NÓS SÓCIO-HISTÓRICOS: UMA LEITURA (CON)TEXTUAL DE *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*”

“A PLURAL VOICE TOWARDS SOCIAL-HISTORICAL KNOTS: A CONTEXTUAL READING OF *INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES*”

Ana Lúcia Branco¹

Resumo: A presença de uma voz autoral plural, declarada ou latente, a despeito do uso da 1ª pessoa, na ficção de Conceição Evaristo, um recurso estilístico próprio que recebeu dela o neologismo *escrevivência*, faz parte de uma genealogia que representa um dos pilares da constituição e consolidação da literatura negra feminina no Brasil, que tem uma densa base sociológica e antropológica. Tal conexão epistemológica se assenta no ressoar da figura da mulher negra do Brasil diaspórico, na Literatura afro-brasileira, que, todavia, se desencapsula de parâmetros estratificados na (e pela) sociedade. Nesse sentido, o intento desse movimento literário é certo: fomentar, viabilizar uma construção audível e autônoma do corpo feminino negro, historicamente silenciado, como aquele que passa a versar sobre ele e a partir dele mesmo, chocando-se, assim, com um panorama de tradição literária (e social) canonizado, pautado em discursos de ordem falocêntrica, eurocêntrica e etnocêntrica, como aponta a crítica literária. Portanto, esse estudo pretende imergir na *escrevivência* e verificar o seu *modus operandi* no texto literário; para tanto, inicia por um escopo geral e conceitual da literatura negra brasileira e do corpo feminino negro em dimensão sócio-histórica e se encerra com a apropriação da História pela Literatura; nesse instante, haverá uma breve entrada no volume *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) pela razão de essa obra de Evaristo abarcar personagens femininas cujos corpos aludem a noções contextuais relativas à raça, ao gênero, à classe e à sexualidade que justamente dialogam com teorias das Ciências Sociais.

Palavras-chave: Literatura negra feminina; corpo; mãe preta: *escrevivência*; *Insubmissas lágrimas de mulher*.

Abstract: The presence of a plural authorial voice, declared or latent, despite the use of the 1st person, in Conceição Evaristo's fiction, a stylistic resource that received from her the neologism scribe, is part of a genealogy that represents one of the pillars of constitution and consolidation of black female literature in Brazil, which has a dense sociological and anthropological base. Such an epistemological connection is based on the resonance of the figure of the black woman from diasporic Brazil, in Afro-

¹ Ana Lúcia Branco, graduada em Letras, com Mestrado e Doutorado pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), além do pós-doutorado (em andamento; admissão: fevereiro de 2022) pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, igualmente da FFLCH, USP. No mais, tem experiência como consultora pedagógica de Língua Portuguesa, é revisora de textos acadêmicos e parecerista.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Brazilian Literature, which, however, is decapsulated from stratified parameters in (and by) society. In this sense, the intention of this literary movement is clear: to encourage and enable an audible and autonomous construction of the black female body, historically silenced, as the one that starts to speak about it and from itself, thus clashing with a panorama of canonized literary (and social) tradition, based on discourses of a phallogentric, Eurocentric and ethnocentric order, as literary criticism points out. Therefore, this study intends to immerse itself in writing and verify its *modus operandi* in the literary text; to this end, it begins with a general and conceptual scope of black Brazilian literature and the black female body in a socio-historical dimension and ends with the appropriation of History by Literature; At this moment, there will be a brief entry in the volume *Insubmissas tears of women* (2011) for the reason that this work by Evaristo encompasses female characters whose bodies allude to contextual notions relating to race, gender, class and sexuality that precisely dialogue with theories of Social Sciences.

Keywords: Black female literature; body; black mother: writing; Unsubmissive woman's tears.

1 Literatura afro-brasileira: (des)contorno

No rol da literatura brasileira, a mulher negra, enquanto criadora, configurou exceções, consoante apontamentos da crítica², em um espaço cultural e social costumeiramente dominado pela figura prototípica do homem branco. Rareiam, assim, os nomes que fogem a esse padrão, sendo um deles, por exemplo, o de Maria Firmina dos Reis, quem escreveu *Úrsula* (1859), romance tomado como pioneiro na categoria de autoria negra, na América Latina, um grande diferencial, sem dúvidas, que, contudo, não recebeu a atenção que cabia, recaindo, logo na sequência da publicação, no esquecimento³, firmando-se mais pela “ousadia” do feito, o que o caracterizou como uma espécie de marco, do que pelo reconhecimento artístico da produção em si, que existe, indubitavelmente, pois, naquela ambientação, no século XIX, em que à mulher cabia exclusivamente o papel da maternidade, da ama, no caso da escrava, da submissão e do servilismo, a obra revela uma consciência, na

² “A regra da literatura brasileira, apesar de incluir muitas negras como personagens, não admite mais que umas poucas escritoras negras espalhadas através dos séculos” (ALVES & DURHAM, 1994, p. 01).

³ Segundo Santos, *Úrsula* “caiu no esquecimento por muitos anos, assim como a sua imagem, e a sua recuperação, ocorreu somente muitos anos depois, com pesquisas relacionadas à escritora maranhense e sua escrita abolicionista”. (SANTOS, 2022, p. 85).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

personagem feminina, dessa relação hierárquica segregadora em termos não só de gênero, como também de classe, de raça etc., perspectiva essa posta logo nas páginas iniciais, como mostra o resgate de Santos:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. / [...]. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS, 2018, p. 93 *apud* SANTOS, 2022, p. 85).

Já como criaturas narrativas, a situação é outra, embora o leque de formatações igualmente não seja amplo, dada à restrição de papéis para os quais foram relegadas, papéis esses delimitados a três ângulos com o silenciamento como elemento em comum, e eles são: o da empregada doméstica: o da mãe de leite: o da sensual, sem que, evidentemente, pudessem exercer a sensualidade para fins próprios, porquanto a sensualidade estava a serviço de objetificá-las à satisfação de outros, no caso, dos senhores brancos. É nesse cenário estratificado que a literatura negra feminina se insere, mas não com o intento de reproduzir e reforçar essa estigmatização, e sim de rachá-lo, a fim de poder dar voz a quem nunca, de fato, a possuiu: as mulheres negras. E, evidentemente, Conceição Evaristo faz parte das produtoras e propagadoras desse novo expoente, na literatura contemporânea afro-brasileira, embora, de certo modo, tenha “herdado” o mesmo entrave de Maria Firmina, o de não ter sido valorizada desde o calor de suas escritas, pois isso só ocorreu por volta de 1960, sendo que o veio artístico reconhecido hoje é o mesmo de quando despontou, já no século XIX, contudo, apesar desse reconhecimento tardio da recepção crítica, bem como do mercado editorial, ela vem ganhando cada vez mais enfoque na academia e em outros espaços, assim como outras escritoras, caso de Alzira Rufino, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Ruth Souza, estas que, aliás, junto a outras, recentemente, figuraram a antologia *Enfim... nós – Escritoras negras contemporâneas*, um compilado de textos literários editados por Miriam Aparecida Alves e

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Carolyn R. Durham que objetivou dar visibilidade ao fato de que “as vivências, objetivos e aspirações da mulher negra diferenciam das outras mulheres e também dos homens negros, e por isso é necessário que tenham suas próprias vozes” (ALVES & DURHAM, 1994, p. 01).

Assim, devido àquele silenciamento secular, ainda está em construção/solidificação, no sentido de maior reconhecimento e difusão, a literatura afro-brasileira, também chamada de Literatura Negra, que tem, além do que se viu acima – a quebra das três caracterizações da mulher negra – um outro traço bastante *sui generis*: a imbricação com a diáspora da escravidão, o que levou Mário Silva (2015) a delimitá-la como “estética e ética criativa” (p. 162). Para melhor dimensionar a importância desse ponto – período escravagista –, é válido trazer a contribuição teórica de J. Guinzburg (2012) que, apesar de não tocar na literatura negra feminina de modo exclusivo, nem de citar Evaristo, registra, em seu ensaio intitulado “O narrador na literatura brasileira contemporânea” uma característica fundante da vertente contemporânea: o rompimento com três perfis literários tradicionais – autoria masculina, branca e europeizada; ele explica haver aí bases patriarcais fraturadas, “no âmbito da composição, do conteúdo e da presença (como narrador ou personagem)” e complementa que, no lugar dessa rachadura, pode-se notar diferenciados pontos de vista com os quais a instância social pôde ser abarcada; a esse ponto, chave para emoldurar a literatura negra feminina negra, em meu ponto de vista, Guinzburg o chamou de *perspectivas renovadoras*⁴ – que, por sua vez, possibilitaram um *desrecalque histórico*. Isso nos leva a sair do ensaio dele para adentrarmos em outra esfera, a área da psicanálise, a fim de recuperar a noção de recalque, intimamente atrelado à ideia de trauma de Freud e, assim, clarificar os dois últimos aspectos de Guinzburg que se completam com o de Silva (2015), trazidos há pouco.

⁴ A título de exemplificação dessas novas perspectivas, Guinzburg cita a literatura de testemunho de *Memórias de um sobrevivente* (2001), de Luiz Alberto Mendes, com “a perspectiva de um prisioneiro sobre o confinamento”; *O filho eterno* (2007), de Cristóvão Tezza, “centrado na síndrome de Down, com perspectiva elaborada pela figura paterna”; *Um defeito de cor* (2009), de Ana Maria Gonçalves, um “relato longo cujo ponto de vista emerge de uma africana nascida em 1810”; “imagens da sexualidade sustentam o interesse por *Duas iguais* (1998), de Cíntia Moscovich, livro de 1998 que articula a homoafetividade com o judaísmo”. (GUINZBURG, 2020, p. 199).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Quem nos auxilia, nessa etapa, a chegar em Freud é Joel Birman (2020)⁵ que tem como partida a “Inibição, sintoma e angústia” (1926) do próprio Freud, na qual diz haver a especificação de duas angústias: uma é a sinal, decorrente de um temor possível em que é possível conseguir antecipar-se a um acontecimento, ou seja, é aquela que permite ao sujeito mobilizar as defesas psíquicas para a preparação do pior, o que geralmente se dá pela geração do medo; a outra é a angústia traumática, caracterizada justamente pela impossibilidade de se antecipar um acontecimento, de modo que o desamparo é acionado. Birman detalha essa última ao lembrar que, pelos estudos das neuroses de guerra (Primeira Guerra Mundial) de Freud, o trauma se ligou diretamente ao traumatismo desse período especificamente, contudo, posteriormente, houve um descolamento teórico dessa referência bélica, atrelando-se a outras contingências humanas, marcadas por experiências inesperadas, o que nos permite aqui retornar à visada de Guinzburg (2012) e Silva (2015) no sentido de evidenciar aí legitimações e conexões do que fala Freud a respeito da angústia traumática com o período escravista brasileiro por ser esse aquele que ressoa e permeia certas “reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro”, consoante apontamento de Evaristo, em um ensaio homônimo de sua Dissertação (PUC/RJ, 1995), “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”. Nesse, ao refletir sobre o modo como se constroem personagens negras, na literatura brasileira, ela ressalta que os “brasileiros descendentes de africanos” carecem da “invenção de formas de resistência à violação e à interdição do negro, impostas pelo sistema escravocrata do passado e pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade”, pois são tais criações que possibilitam destacar “as marcas profundas que essas formas de resistência imprimem na nação brasileira” (EVARISTO, 2009, p. 17). Por essa razão, retomando, uma vez mais o pensamento de Guinzburg (2012), notamos ser justamente pela “atribuição de voz a sujeitos tradicionalmente ignorados ou silenciados” (Op. cit., p. 200) que Evaristo concede às mulheres negras e pobres o protagonismo em suas obras, recurso que lhe

⁵ BIRMAN, J. “A paixão da cultura - a literatura como cura”. In: Festival do conhecimento da UFRJ, 18/07/2020, 14h30 - 16h30, Mesa 1, Sala A.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iQWNDbSjft8>. Acesso em: 18/07/2020.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

permite, conseqüentemente, apresentar um “processo de assunção da escrita pelas mulheres negras, revolucionário, que as desloca do lugar de onde falavam antes, [e] que permite colocá-las como donas da própria escrita” (Evaristo *apud* DUARTE e NUNES, 2020, p. 20). No caso específico de *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), nos trezes contos que compõem o livro, as figuras femininas, embora independentes em suas histórias e subjetividades, se espelham, se complementam e se (con)fundem numa fusão peculiar, na qual as individualidades se coletivizam, e vice-versa, além da oralidade e escrita se congregarem a um mesmo fim: a reverberação de um social opressor, preconceituoso, racista, violento. Tal dinâmica se estrutura pelo fundamento da *escrevivência*, que repercute um Nós, nas histórias, que dá eco a diversos nós históricos.

2 Os nós que aprisionaram

Em um recente curso⁶ que ministrou, disponibilizado pelo Instituto de Estudos Avançados, da Universidade de São Paulo, Conceição Evaristo fez da *escrevivência* a base de todas as suas aulas; trata-se, *strictu sensu*, de um termo que converge para escritas de mulheres negras feitas a partir da vivência de mulheres negras. Justamente pela suma importância dada pela criadora a esse conceito que, por sua vez, norteia toda a Literatura dela e que, aliás, se alastrou como uma metodologia-chave para interpretar certos processos de leitura e de escrita de alguns textos afro-brasileiros, será preciso, neste estudo, estabelecer um movimento discursivo de ida e volta, no sentido de ser necessário partir, primeiro, de uma discussão em torno da *escrevivência*, amparada, não só, mas especialmente, na visão da própria autora, como também na da crítica literária, para, posteriormente, emendar a ela

⁶ Curso Ciclo “Escrevivência e Educação Literária”: Nós nos outros, os outros em nós”, pelo IEA (Instituto de Estudos Avançados) da USP. Coordenação: Conceição Evaristo e Martin Grossmann. Exposição: Conceição Evaristo, Participantes: Ludmilla Lis (mestra em relações étnico-raciais, ativista, atriz e produtora), Mara Evaristo (gerente das Relações Étnico-Raciais na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte) e Ana Paula Tavares Magalhães (coordenadora do Grupo de Pesquisa Inoar). De 03 a 24 out. 2022, das 16h às 18h, versão *on line* (Zoom e Youtube).



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

fundamentos elementares do *mito da democracia racial*, o que, por fim, tornará mais embasado o retorno a Evaristo com ILDM.

Originalmente e, em princípio, de modo descompromissado, sem se dar conta da relevância de tal fundamento que marcaria a literatura negra contemporânea, foi na própria Dissertação de Mestrado, “*Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*”, em 1995, que Evaristo fez o primeiro uso do termo “escrevivência” com o significado de “movimento do sujeito feminino negro que escreve sua história”⁷.

Quando falei da escrevivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito. Eu venho trabalhando com esse termo desde 1995 – na minha dissertação de mestrado, várias vezes fiz um jogo com o vocabulário e as ideias de escre- ver, viver, se ver (Evaristo apud Duarte; Nunes, 2020, p. 59).

Entretanto, a importância da criação foi (e está indo) além dessa compreensão morfológica pontual, além de um neologismo advindo do processo de composição por aglutinação do verbo “escrever” com o substantivo “vivência”. Assim, já recebeu diversas rotulações por parte da crítica: Simone Sobrinho (2015), por exemplo, a fundamentou pela concepção dos “atos de fingir” de Wolfgang Iser (1983); Dannemann (2020) a considera “metodologia para professores e escritores”; para a professora de Literatura da UFMG, Constância Duarte (apud Dannemann, 2020), é um “legítimo paradigma de criação e de análise de obras literárias e artísticas”; para Souza (2018), um “operador teórico”; Melo e Godoy (2017, p. 1285) a tomam como um “recurso emancipatório do povo afro-brasileiro”; é um entrecruzamento entre “a escrita e outras dimensões de vivência”, consoante Victorino (2014, s/p); um “projeto literário” que valida “uma perspectiva feminina e afrodescendente em seu processo de elaboração escrita”, na visão de Bispo e Lopes (2018, p. 189). Todas essas investidas são agregadoras e fazem o termo ser paulatinamente aprofundado, à medida em que se ramifica e alcança, inclusive, outras áreas do conhecimento, além daquela que é o seu território originário, a literatura, posto que na arquitetura, na fotografia, na dança, dentre

⁷ EVARISTO apud Curso do IEA – USP (2022).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

outras, também se está trabalhando com a *escrevivência*, segundo Evaristo (2022), o que a leva a ressaltar, por conta dessa proliferação, a indispensabilidade de não perdermos de vista o alicerce sobre o qual o conceito se estrutura por ser justamente aquilo que fornece um sentido satisfatório e coerente para delimitá-lo sumariamente à “escrita das mulheres negras contemporâneas”⁸. Segundo ela, para além do traço fonético e morfológico, no cerne do neologismo, deve ser priorizada a valorização semântica, ou seja, o “fenômeno diaspórico e universal” (Evaristo *apud* DUARTE; NUNES, 2020, p. 29), estruturado na figura da Mãe preta, enquanto mulher escrava que se deu aos da Casa-grande, mas sequer recebeu o direito à expressão. É na imagem da Mãe preta, ou melhor, no estereótipo dela, criado ao longo do período escravocrata, que a *escrevivência* teria sido pensada por Evaristo. E o que exatamente representa?

A figura feminina negra, naquele contexto histórico, não tinha autonomia sobre o próprio corpo nem sobre a própria voz, embora ambos fossem postos em exercício (do outro): aquele, para as satisfações libidinosas dos senhores ou para as funções de cozinheira ou arrumadeira; essa, para que servisse como preceptora, leitora de histórias para os filhos da Casa-grande. Automaticamente, os atributos de passividade, subserviência, submissão foram nela incorporados, relembra Evaristo (2022). Esse realce estereotipado, na imagem da Mãe preta, é ratificado pela crítica acadêmica literária, como o estudo já aqui referido de Alves & Durham (1994, p. 01) com *Enfim... nós*, que pode ser complementado pela visão de Ângela Figueiredo: “as figuras emblemáticas que permaneceram na reflexão do feminismo negro brasileiro foram, principalmente, da empregada doméstica e da mulata, ambas exploradas pelo sistema patriarcal capitalista” (Figueiredo *apud* PINHO e SANSONE, 2008, p. 24). E não só na literatura e na sociologia essa noção se perpetuou, também a encontramos na iconografia com o estudo, por exemplo, de Sarah Dume (2018), “Sociedade e cultura na obra *Mãe Preta* (1912), de Lucílio de Albuquerque”. Nele, Dume explora o valor da imagem que ultrapassa a informação estética e imprime certa “evidência histórica”, conceito que extraiu de Peter Burke

⁸ EVARISTO *apud* Curso IEA – USP (2022).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

em *Testemunha ocular*, no qual consta que história e imagens se conectam de forma que essas “assim como textos e testemunhas orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunha ocular” (DUME, 2018, s/p).

Ao retomar e prosseguir na análise da Mãe Preta, na esfera literária, relembramos o estudo acerca da produção infanto-juvenil, no arco de duas décadas (1955-1975), realizado por Fúlvia Rosemberg (*apud* PIZA, 1998), quem observou ilustrações igualmente estereotipadas da mulher negra como doméstica, “representada monotonamente com os mesmos traços (lábios grandes, gorda, seios avantajados, lenço na cabeça, brincos e avental)” (p. 35). Ademais, a Antropologia e a Sociologia embasam a mesma percepção letrada, o que pode ser corroborado com postulações pioneiras de L. Gonzales, como o seu clássico texto de 1983, “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, no qual, recorda Ângelo Figueiredo, ela “denuncia as representações submissas e sexualizadas das mulheres negras na cultura brasileira, reveladas através da figura da mãe-preta, da mulata e da empregada doméstica” (Figueiredo *apud* PINHO e SANSONE, 2008, p. 244). Esse último aspecto ainda pode ser constatado pelo estudo filosófico de Sueli Carneiro que, na contemporaneidade, ressalta a permanência desses contornos do passado, o que a leva a afirmar que

o trabalho doméstico ainda é, desde a escravidão negra no Brasil, o lugar que a sociedade racista destinou como ocupação prioritária das mulheres negras. Nele, ainda são relativamente poucos os ganhos trabalhistas e as relações se caracterizam pelo servilismo. Em muitos lugares, as formas de recrutamento são predominantemente neo-escravistas, em que meninas são trazidas do meio rural, sob encomenda, e submetidas a condições sub-humanas no espaço doméstico (CARNEIRO, 2011, p. 128).

Desse modo, presente ainda na figura da Mãe preta, seja como objeto sexual, doméstica ou ama de leite, jaz a cor como fator determinante da raça, o que desencadeou longas investidas epistemológicas a partir da criação do *mito da democracia racial* que traz implicações (negativas) até os dias atuais. Então, por lógica, convém destacar inicialmente o que se entende por raça, definida como um conjunto de “elementos comuns aos membros do

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social etc.” e, nesse sentido, K. Munanga esclarece que a busca da identidade negra hoje reside em particularidades:

seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupo estigmatizado, racializado e excluído das posições de comando na sociedade cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membros de grupo étnico-racial que teve sua humanidade negada e a cultura inferiorizada. Essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente (MUNANGA, 2008, p. 14).

De acordo com esse antropólogo da FFLCH (USP), a dificuldade para formar tal identidade se deve a um conceito histórico, delimitado cronologicamente, final do século XIX até metade do XX, instituído pela parcela elitista da população brasileira, cujo fim principal seria o “ideário do branqueamento” (MUNANGA, 2008, p. 15), partindo de uma base eugenista. Porém, essa meta fracassou, haja vista o que se tinha concretamente na sociedade nacional, extremamente “plural constituída de mestiços, negros, índios, brancos e asiáticos” (Id., *ibid.*). Para especificar um pouco mais as discussões sobre o mito racial, naquele arco histórico, cabe pensá-lo sob o *ponto de vista esquemático*, consoante Santos e Maio (*apud* PINHO e SANSONE, 2008), que traçaram três paradigmas: o racial, o cultural e o social. De acordo com esses pensadores, o primeiro se deu por volta de 1870 com Silvio Romero sendo o nome de maior expressividade; o segundo, em torno de 1930, com Gilberto Freyre, e o terceiro, de 1950 em diante, com Florestan Fernandes na sua esfera de atuação, a literária (p. 87).

De um lado, frisemos a obra *Estudos sobre a poesia popular no Brasil* (1878), na qual Romero provocou o início de uma reflexão que reconhecia a importância do negro na sociedade, à medida que o trouxe “não só [como] uma máquina econômica”, mas o via “antes de tudo, e malgrado sua ignorância, [como] um objeto de ciência (p. 99). Posteriormente, em sua *Introdução à História da literatura brasileira* (1882), pregou a supremacia da raça branca no território brasileiro, justificando-a pelo processo da seleção natural que “após algumas gerações” a faria prevalecer por ser a de maior contingente “graças à intensificação da

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

imigração europeia, ao fim do tráfico negreiro, ao decréscimo da população negra após a abolição e ao extermínio dos índios” (Romero *apud* MUNANGA, 2008, p. 49). Isso teve sua importância na medida em que abriu caminho para outros trabalhos científicos muito relevantes, que marcaram, aliás, o século XIX, caso dos estudos dos médicos Raimundo Nina e Artur Ramos: *L’animisme fétichiste des nègres de Bahia* e *Os africanos no Brasil; O negro brasileiro* (1934) e *O folclore negro do Brasil* (1935), respectivamente. Sobre esse último, Silva (*apud* PINHO e SANSONE, 2008, p. 289) destacou que ele trouxe uma “nova abordagem: a religiosidade afro-brasileira deixou de ser entendida como manifestação da inferioridade dos negros e, por meio dela, se criticou o próprio conceito de raça, substituindo-o pelo de cultura”.

Por outro lado, F. Fernandes (*apud* PINHO e SANSONE, 2008, p. 71) criticou a democracia racial ao observar que, no período imperial, o Romantismo, em sua primeira fase, equivocou-se no propósito de querer dar autonomia ao brasileiro, descolando-o do *referente europeu* e o simbolizando *na figura do índio*; isso, para ele, significou “uma visão distorcida da realidade”, porquanto, de fato, “a mestiçagem da população brasileira era um fato predominantemente social e cultural” (Maio e Santos *apud* PINHO e SANSONE, 2008, p. 87). Em suma, Fernandes (1977) acreditava que: “os brancos puros e os negros puros que existem no país, e ainda não estão mesclados pelo sangue, já estão mestiçados pelas ideias e costumes”, e a constatação disso poderia vir facilmente por meio do “estudo dos hábitos populares e da língua” (p. 60.). Para ele, o padrão de relações raciais, no Brasil, estava mais pautado na estruturação social estratificada do que na relação próxima entre negros e brancos, ou seja, entre escravos e senhores, e a miscigenação reforçou o preconceito racial devido a uma transição de organização social mal acabada, ou seja, devido à “forma incompleta pela qual se realizou, na evolução histórica, a transição de uma estrutura social composta de estamentos e castas, que caracterizava o período escravista, para uma estrutura de classes”, o que poderia ter sido revertido ou minimizado com o advento do capitalismo, em 1950, ocasião em que “a ampliação da oferta de emprego, permitiria ao negro condições inéditas de



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

ascensão social, ocupando assim um novo lugar na estrutura de classes” (Fernandes *apud* PINHO e SANSONE, 2008, p. 89). Em resumo, Fernandes acreditava, junto a outro pensador renomado da época, R. Bastide, que a

democracia racial seria apenas um discurso de dominação política, não expressava mais nem um ideal, nem algo que existisse efetivamente, seria usado apenas para desmobilizar a comunidade negra; como um discurso de dominação, seria puramente simbólico, sua outra face seria justamente o preconceito racial e a discriminação sistemática dos negros (BASTIDE e FERNANDES *apud* PINHO e SANSONE, 2008, p. 75).

Já Gilberto Freyre destoou desse cenário e procurou mostrar que os negros pertenciam ao país, apesar da multirracialidade de classes. Difundiu a noção *da democracia racial, social e étnica*, que se estendeu de 1940 a 1960 pela “conotação de um ideal político de convivência igualitária entre brancos e negros” (Guimarães *apud* PINHO e SANSONE, 2008, p. 75), e isso teve como marco a publicação, em 1933, de sua *Casa-grande & senzala*. De acordo com Freyre, a cultura luso-brasileira definia-se como um “mundo que o português criou” e que promoveu a “democracia social”, definindo-a como “um modo diferente de colonizar que significou miscigenar-se, igualar-se, integrar os culturalmente inferiores, absorver sua cultura, dar-lhes chances reais de mobilidade social no mundo branco”, posto que, no Brasil, ainda segundo sua visão, “apesar de uma estrutura política muito aristocrática, desenvolve-se, no plano das relações raciais, relações democráticas” (Guimarães *apud* PINHO e SANSONE, 2008, p. 74). Dessa forma, para além das questões biológicas de genótipo e fenótipo a moldar a identidade brasileira, a contribuição dele possibilitou clarear o ângulo do viés social, no qual Freyre “desloca o eixo da discussão, operando a passagem do conceito de “raça” ao conceito de cultura”, segundo Munanga (2008, p. 75), que parafraseia *Casa grande & senzala* de maneira incisiva nos seguintes parâmetros:

[a obra] narra uma história social do mundo agrário escravista do nordeste brasileiro nos séculos XVI e XVII. No quadro de uma economia latifundiária baseada na monocultura da cana de açúcar, nota-se um desequilíbrio entre sexos caracterizado pela escassez de mulheres brancas. Daí a necessidade de

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

aproximação sexual entre escravas negras e índias com os senhores brancos; aproximação que, apesar da assimetria e da relação de poder entre senhores e escravos, não impediu a criação de uma zona de confraternização entre ambos. Essa aproximação foi possível, segundo Freyre, graças à flexibilidade natural do português. Assim, explica-se a origem histórica da miscigenação que veio diminuir a distância entre a casa grande e a senzala, contrariando a aristocratização resultante da monocultura latifundiária e escravocrata (MUNANGA, 2008, p. 76).

Apesar de um aspecto positivo (cultural)⁹, nessa ideologia de Freyre, Munanga percebeu o equívoco profundo ao postular a “família patriarcal do nordeste do Brasil” como “o grande fator da colonização e o princípio único da autoridade, obediência e coesão”. Ou seja, para o antropólogo, ele trouxe a situação de um ângulo que “essa família podia integrar harmoniosamente a sociedade brasileira pondo, assim, fim à persistente angústia da heterogeneidade racial, e ainda oferecer o alívio da democracia racial” (Freyre, 1954, p. 22 *apud* MUNANGA, 2008, p. 76). E os efeitos nefastos da visão de Freyre não se encerram aí:

O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem biológica e cultural entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas da sociedade, ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. [...] Freyre não privilegia em sua análise o contexto histórico das relações assimétricas do poder entre senhores e escravos, do qual surgiram os primeiros mestiços. Sua análise, como escreve [...] servia, principalmente, para reforçar o ideal de branqueamento, mostrando de maneira vívida que a elite (primitivamente branca) adquirira preciosos traços

⁹ K. Munanga reconheceu a contribuição freyriana como valorosa por ela ter mostrado “que negros, índios e mestiços tiveram contribuições positivas na cultura brasileira: influenciaram profundamente o estilo de vida da classe senhorial em matéria de comida, indumentária e sexo”, isto é, consolidou “o mito originário da sociedade brasileira configurada num triângulo cujos vértices são as raças negra, branca e índia”, disso vieram as misturas das três raças gerando, conseqüentemente, “suas heranças culturais paralelamente aos cruzamentos raciais, o que deu origem a uma mestiçagem no campo cultural” (MUNANGA, 2008, p. 76).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

culturais do íntimo contato com o africano (e com o índio, em menor escala) (MUNANGA, 2008, p. 77).

Assim, impossibilitados de alcançar o patamar da classe que detinha o poder e de desfrutar dos meios de informação, os negros se viram, no processo de miscigenação, obrigados a deixarem as tradições e a noção de “pertencimento de origem para poder progredir” (MUNANGA, 2008, p. 78). Por meio da publicação de *Casa-Grande & senzala*, tido como um “ensaio histórico-sociológico sobre a formação da sociedade brasileira”, na visão de Maio e Santos (2008), a mestiçagem foi considerada “como um elemento crucial na formação nacional” e “como símbolo de caráter relativamente democrático”, embora se nota nela o detalhamento nas relações entre raças como “uma convivência ‘tensa mas equilibrada’ entre a ‘perversidade do senhor e sua ‘intimidade’ com o escravo”, ou seja, existiu ali uma “visão ‘idílica’” que só coube à teoria no papel, porque objetivamente, nos antagonismos da relação entre brancos e negros, na época colonial, “está a tensão entre um sistema econômico que divide os dois polos, extremando a hierarquia social, bem como uma convivência íntima, ilustrada pela miscigenação” (Maio e Santos *apud* PINHO e SANSONE, 2008, p. 88.)

Por fim, foi somente a partir da década de 1970, que essa ideologia democrática racial passou a ser fortemente contestada até porque ganhou espaço por intelectuais e militantes negros, caso de Abdias do Nascimento. A esse “o Brasil escravocrata herdou de Portugal a sua estrutura patriarcal de família, cujo preço foi pago pela mulher negra”, porque, consoante Munanga esclareceu, ela estava em menor número, conseqüentemente serviram de “monopólio sexual” dos senhores da casa-grande, o que as impediu de “estabelecer qualquer estrutura familiar estável”, pelo contrário, a elas coube a traumática marca de violência sexual, posto que, “originalmente, o mulato foi produto de estupro da mulher africana pelo português e não o resultado de um casamento tradicionalmente consagrado” (Nascimento *apud* MUNANGA, 2008, p. 87). Com isso, Abdias do Nascimento definiu a representação “erótica e sensual” que se formou no “imaginário coletivo ou popular brasileiro” e que ganhou “eco na maioria das obras eruditas da literatura brasileira” (Id., p. 86).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Com isso, encerra-se essa teorização, a fim de delinear determinados contornos da História ao negro e, sobretudo à mulher negra a partir de alguns nomes importantes da intelectualidade brasileira; façamos, na sequência, o movimento de volta à *escrevivência* para, assim, fechar algumas arestas desse estudo.

3 O nós que libertam

Na seção anterior, ficou evidente o quanto determinados pensadores foram decisivos para pontuar, no passado, a conjectura de demérito dos negros, seja pela cor, raça, cultura, etnia, que se perpetua até hoje em diversas facetas: preconceito, racismo, subjugação, disparidade socioeconômica etc. Quando enfocamos especificamente as mulheres negras, também silenciadas e marginalizadas, percebemos, entretanto, que um ponto está em paulatina modificação: algumas estão se tornando audíveis por ela próprias, e eis aí o princípio da *escrevivência* de Evaristo, conforme se viu.

A literatura afro-brasileira contemporânea apresenta como marca fundante essa característica de que as mulheres negras se definem não mais pelo outro; trata-se de “um processo criativo que nasce de dentro”, nos termos de Evaristo (2020)¹⁰, segundo delimitação feita por ela, no mesmo curso citado aqui diversas vezes (IEA – USP, 2022), assim como em um outro depoimento¹¹, valendo-se, em ambos, de um exemplo fornecido pela escritora paulista, Miriam Alves, com *Maréia*: no processo de criação de uma personagem doméstica, por exemplo, “há uma “autoria [que] vem de uma descendência que já experimentou posições de subalternidade, se escreve de dentro”, de modo que, nesse caso, seria “como se fosse a própria doméstica, dentro do quarto, olhando para a patroa na porta do quarto”, ou seja, Evaristo que mostrar que se está diante de “um gesto de criação que nasce de uma experiência que não é particular, é histórica”. Distintamente, nessa mesma hipótese, se há “uma outra

¹⁰ EVARISTO, C. “CONCEIÇÃO EVARISTO – Escrevivência”. In: *Leituras Brasileiras*. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 15/01/2022.

¹¹ EVARISTO, C. “CONCEIÇÃO EVARISTO – Escrevivência”. In: *Leituras Brasileiras*. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 15/01/2022.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

autoria que não conhece esse lugar de subalternidade”, uma escritura branca, portanto, que vai compor a mesma personagem, “é como se fosse a patroa que estivesse dentro do quarto, olhando a empregada, ou seja, a “descrição nasceria de fora”¹².

Logo, o contraponto que a literatura afro-brasileira estabelece é bastante nítido: o lugar social, de gênero e de etnia, complementa Evaristo (2020, *Leituras brasileiras*), interfere da matéria literária. Se, antes, a mulher escrava, negra, pobre, era vista e descrita por alguém que a interpretava, agora, quem vê e quem fala é a própria mulher negra. Ou seja, não mais aquele estereótipo da Mãe preta calada, de pronunciamentos pontuais voltados à prole branca de seus senhores, não mais o corpo a serviço sexual desses donos da casa-grande, e tal reversão se processa pelo assumir da escrita. Essa ganha *status* de resistência, resiliência e engajamento étnico, de gênero e de classe, enquanto meio pelo qual se rompe o silêncio e o apagamento que a História relegou aos marginalizados. Se a perspectiva histórica, sociológica, filosófica, antropológica e literária, discutida anteriormente, negou a elas a marca da subjetividade, é nessa subversão que a *escrevivência* se estrutura, tentando alterar aquela imagem tripla e estigmatizada da Mãe preta:

em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita [...]. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos (Evaristo *apud* DUARTE; NUNES, 2020, p. 30).

Nessa posse de si por meio do acesso e da posse da escrita, uma outra face da *escrevivência* não pode deixar de ser considerada, recorda-nos Evaristo (2022): a marca do Nós no Eu, isto é, mesmo diante de formas de composição narrativa tipicamente centradas no eu (escritas egóicas, autobiografia, Literatura de testemunho, *autoficção*), é importante que se

¹² EVARISTO, C. “CONCEIÇÃO EVARISTO – Escrevivência”. In: *Leituras Brasileiras*. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 15/01/2022.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

reconheça uma memória coletiva. Por isso, constantemente, em seus discursos acerca da *escrevivência* consta a palavra “coletividade” ou sintagmas frasais, lexicais, metafóricos que remetem a isso; um exemplo claro foi o título da segunda aula do curso supracitado, que ministrou (USP, 2022),p: “Nós nos outros, os outros em nós”. Durante as quatro segundas-feiras de estudo, Evaristo sobressaltou a importância de “questões pessoais, particulares serem cruzadas com as questões da sociedade”, no que tange a vivências do universo feminino, negro e pobre. Em outro contexto, apenas para termos mais uma ilustração, ela assevera a respeito dessa característica da *escrevivência*:

É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, *que o mundo desconsidera*. *Escrevivência* não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para *que eu possa, nele, me autoinscrever*, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. [...]

Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si (Evaristo *apud* DUARTE; NUNES, 2020, p. 35; grifos nossos.)

O excerto todo, mas, em especial, os trechos destacados possibilitam um resgate mais direto com a teoria antropológica e sociológica que foi exposta no sentido de compreendermos o mutismo e o condicionamento reducionista da mulher negra restrita ao papel de servilismo, no Brasil, desde o marco da escravidão, que adentrou a esfera literária e que, na contemporaneidade, a literatura afro-brasileira procura dar uma outra versão ao conceder às mulheres negras o que sempre foram delas, mas que foram cerceados e manipulados: a voz e o corpo. Assim, o fundamento da *escrevivência* de Evaristo prioriza o eu feminino negro, mas se conecta com o coletivo negro que tem uma relação com a diáspora da escravidão, com os frutos nefastos dela. Por fim, resta-nos observar, ainda que de maneira breve, a maneira com que a escritora o coloca em exercício e, para tanto, escolhemos a obra de 2011 dela: *Insubmissas lágrimas de mulheres*.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Nela, logo à primeira linha do conto inicial, bem como em diversos outros, caso do seis, já percebemos a presença do Nós típico da *escrevivência*, na narrativa de primeira pessoa, revelando a imbricação de “Vozes-mulheres”, lembrando o poema de Evaristo de 1990, presente no número 13 dos *Cadernos Negros*; no conto primeiro e no sexto, então, lemos: “Quando cheguei à casa de Aramides Florença, *a minha igual* estava sentada em uma pequena cadeira de balanço”; “E quando, embora brincando, [Maria do Rosário] revelou o seu descontentamento com o próprio nome, *me lembrei da mulher que havia criado um nome para si própria*. Tive vontade de contar a história de Natalina Soledad” (p. 09 e 44, respectivamente; grifos nosso). Nos destaques, vemos a ideia do eu plural e a da autonomia plena que a figura feminina negra tem em mãos, como a liberdade de se autoneamar, marcas típicas da *escrevivência*.

Outra característica complementar é dar luz ao prosaico, às situações do cotidiano, justamente porque são nelas que a subjetividade pode vir à tona pela *perspectiva renovadora*, definida por Guinzburg (2012), ou seja, pela figura da mulher negra. Nesse aspecto, novamente em depoimento, Evaristo aborda acerca de uma proximidade que teria com a escritora Clarice Lispector: dessa “me seduz a afirmativa de que ‘aprendizagem da escrita está no mundo’. Concordo, mas substituo por ‘a aprendizagem da escrita está na vida’” (Evaristo *apud* DUARTE; NUNES, 2020, p. 34), fazendo ressaltar o valor da humanidade, daí a escolha por “cenas do cotidiano, que se não falam de uma experiência própria [de Evaristo], falam de uma coletividade”¹³. Como consequência, é dada, pela linguagem, luz à dimensão micro, privada, à esfera do individual, dos recônditos do ser mulher brasileira, negra e pobre, das dores íntimas que podem ser ressignificadas pela via da escrita ou, como defende A. Cândido¹⁴, pela literatura que, consoante o crítico, consegue abarcar a relação ficção e

¹³ EVARISTO, C. “CONCEIÇÃO EVARISTO – *Escrevivência*”. In: Leituras Brasileiras. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 15/01/2022.

¹⁴ Escreve Antônio Cândido que ficção e realidade “serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade”, assim, “a literatura pode formar; mas formar não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la pedagogicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos, conforme os interesses dos grupos

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

realidade, fundamento compartilhado por Evaristo por meio de sua *escrevivência*. Isso ajuda a compreender o fato de todas as protagonistas de ILDM, bem como de outros volumes e produções da autora, serem mulheres negras que ocupam o centro das cenas, que trazem vicissitudes ligadas ao feminino, seja em relação ao próprio corpo, seja sobre a identidade, ao pertencimento familiar, tais como questões voltadas, por exemplo: à maternidade (“Aramides Florença”, “Mirtes Aparecida da Luz”); à libido (“Adelha Santana Limoeiro”); ao desejo (“Saura Benevides Amarantino”, “Regina Anastácia”); à inscrição como sujeito e não mais como objeto (“Mary Benedita”, “Rose Dusreis”); a violências sexuais (“Isaltina Campo Belo”, “Libia Moirã”, “Lia Gabriel”); a violências simbólicas atreladas à questão do gênero (“Natalina Soledad”, “Shirley Paixão”, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”).

Em uma de suas declarações sobre seu fazer literário, seja em texto ensaístico, seja em ficção em prosa ou em poesia, o processo de concepção e de maturação costuma ser longo, o que não ocorreu, contudo, com ILDM. Segundo ela, foi um momento de insubmissão dela própria, em resposta a uma pesquisadora, a Prof^a. Edileuza Penha de Souza, da Universidade de Brasília, que a questionou se a vida das mulheres negras se restringia ao sofrimento, à dor e à tristeza, ou seja, sem final feliz. Então, com essa motivação/provocação, teria escrito/criado ILDM, “uma antologia em que as mulheres passam, sim, por processos de dores, mas elas já estão, depois, contando o êxito, já saíram da tormenta do sofrimento”¹⁵. Assim, nesse volume, as imagens de passividade, subjugação, posse, controle, segregação, humilhação podem e se fazem ainda presentes na história das personagens; o choro ainda existe nas histórias delas, todavia as lágrimas são insubmissas, porque o ponto de vista, os comandos, os rumos agora lhes pertencem; e a dimensão das dores, das indignações, dos descontentamentos, dos

dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice de instrução moral e cívica, ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras. Ela não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o mal, humaniza no sentido profundo, porque faz viver (CÂNDIDO, 2002, p. 84).

¹⁵ EVARISTO, C. “CONCEIÇÃO EVARISTO – Escrevivência”. In: *Leituras Brasileiras*. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 15/01/2022.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

enfrentamentos, dos embates, da revolta, são transparecidos por quem os sentem: elas próprias.

Distanciando-se, desse modo, daquele paradigma da Mãe preta (ama, empregada, objeto sexual), as mulheres de ILDM são rebeldes à carga patriarcal que as cerca, são resistentes aos resquícios funestos da escravidão (racismo, preconceito, rebaixamento cultural, apagamento de tradições etc.), deixaram, enfim, de serem o sexo frágil e servil. Um exemplo disso pode ser dado com o conto 4 do volume, “Adelha Santana Limoeiro”, uma mulher casada há anos (“Havia mais de cinquenta anos que estavam juntos”, p. 38), o que lhe trouxe uma sabedoria inerente à vida vivida, algo perceptível sutilmente em algumas condutas comedidas: “Santana vestiu-se rápido, mas sem desespero”; “Adelha, com passos firmes e ligeiros” (p. 36). Desse amadurecimento, veio junto a aceitação pacífica da velhice que lhe subtraiu o impulso sexual, mas o mesmo não aconteceu ao esposo que se negava a renunciar aos prazeres da carne, ao poder (fálico) de possuidor.

Ele, o pai de meus filhos, que estava envelhecendo junto comigo. [...] Eu esperava o pouso dele sobre mim, como o descanso de uma ave cansada, que reconhece o aconchego de seu velho ninho. Era só isso, era o que eu esperava. Eu sentia um prazer intenso em cruzar as nossas rugas no emaranhado de nossas peles secas e mornas sob o efeito da maturação do tempo que nos acometia. [...] Mas, de repente, ele abandonou o meu corpo na espera e, aos brados, se levantou de mim. Gritava aos quatro ventos o desgraçado que era, repudiava o corpo, lamentava a falecida carne de seu falo. Bradava com ódio e pranto contra a sua anunciada morte (EVARISTO, 2016, p. 39.)

Então, a fim de tentar resgatar a virilidade da *falecida carne* a todo custo, porque “Havia muito que ele vinha sofrendo por não ter mais o punho tão rígido” (p. 38), entregou-se a casos extraconjugais como (suposta) solução, e o que novamente chama atenção, nesse caso, é que Adelha, por ser justamente a representação da figura centrada, ordenadora, organizadora ali, contradizendo o senso comum (histórico, patriarcal), não só sabia das traições do marido, como as consentia e até legitimava o cônjuge à prática do adultério com uma superioridade irônica (e de pena) no mando, no comando e na sabedoria da situação: “Eu não tinha nada a

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

perdoar às meninas, ao meu velho companheiro e nem a mim mesma – afirmou Santana [...]. – Eu sabia das andanças e das tentativas fracassadas dele” (p. 38).

Enfim, as análises em caráter mais minucioso, nesse livro, bem como em outros exemplares de Evaristo e de outras literaturas afro-brasileiras, podem se estender, porém, por ora, cremos que o panorama aqui traçado conseguiu, ainda que de maneira genérica, atender ao seu principal propósito: estabelecer um sutil aprofundamento da *escrivivência* a partir de seu relacionamento de nós históricos, que marcaram as histórias das mulheres negras, no Brasil, no período escravocrata, com o Nós que marca a escrita literária negra contemporânea, à medida em que, na ficção de um eu feminino, negro e pobre, conseguimos captar alguma informação, alguma brecha (textual – lexical, frasal e/ou contextual) que nos permite abarcar uma coletividade de descendência afro-brasileira que tenha alguma dimensão, algum diálogo, alguma intersecção com a diáspora da escravidão. Portanto, dar luz a essas configurações estéticas, por meio de variadas fontes do saber, fomentando a recepção crítica dessas obras, são processos que, assim como a literatura negra contemporânea, ainda está por se ampliar.

Referências

ALVES, Miriam Aparecida & DURHAM, Carolyn Richardson (ed.). **Enfim... nós – Escritoras negras contemporâneas**. A Three Continents Book, Colorado, USA: Lynne Rienner Publishers, 1994.

BIRMAN, J. “O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social”. In: **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 15 (Suplemento): 203-224, 2005.

_____. “A paixão da cultura - a literatura como cura”. In: **Festival do conhecimento - UFRJ**, 18/07/2020, 14h30 - 16h30, Mesa 1, Sala A. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iQWNBsJfT8>. Acesso em: 18/07/2020.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

DUARTE, Constância Lima e NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Edição especial. Rio de Janeiro: Itá Social e MINA Comunicação e Arte, 2020.

DUME, Sarah. “**Sociedade e cultura na obra Mãe Preta (1912), de Lucílio de Albuquerque**”. 19&20, Rio de Janeiro, v. XIII, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.52913/19e20.xiii2.07>. Acesso em: 06/06/2022.

EVARISTO, Conceição. “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”. In: **Scripta**, vol. 13, n. 25, pp. 17-31, 2º semestre, Belo Horizonte, 2019.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus Editora/Edusp, 1965.

_____. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difel, 1977.

FIGUEIREDO, Ângela. “Gênero”. In: PINHO, Osmundo e SANSONE, Livio (org.). **Raça – Novas perspectivas antropológicas**. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

FREUD, S. (2014). **Inibição, sintoma e angústia**. In P. C. Souza (Coord.), **Obras completas** (Vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1926).

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, v. I, 1954.

GUINZBURG, Jaime. “O narrador na literatura brasileira contemporânea”. In: **Tintas**. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane, 2 (2012), pp. 199-221. Disponível em: <http://riviste.unimi.it/index.php/tintas>. Acesso em: 03 de setembro de 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – Identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PIZA, Edith S. Pompeu. **O caminho das águas: Estereótipos de Personagens Negras por Escritoras Brancas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 1998.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1975.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

_____. **Etnografia brasileira: apontamentos para história da literatura brasileira no século XIX.** Rio de Janeiro, 1888.

_____. . “A poesia popular no Brasil”. In: **Revista Brasileira**, v. 1, 1878.

SANTOS, Ricardo V.; MAIO, Marcos C. “Genótipo e fenótipo – Qual o ‘retrato do Brasil?’ Raça, biologia, identidades e política na era de genômica”. In: PINHO, Osmundo e SANSONE, Livio (org.). **Raça – Novas perspectivas antropológicas.** Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

SANTOS, Tatiane Silva. **O corpo-fetichê: representações da escritora Carolina Maria de Jesus no discurso jornalístico.** Tese de Doutorado – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2022.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. “Por uma militância ativa da palavra: antologias, mostras, encontros e crítica sobre literatura negra, anos 1980”. In: **História: Questões & Debates**, Curitiba, volume 63, n. 2, p. 161-194, jul./dez., 2015. Editora UFPR.

SILVA, Vagner Gonçalves da. “Religião e etnicidade – Religião e relações raciais na formação da antropologia do Brasil”. In: PINHO, Osmundo e SANSONE, Livio (org.). **Raça – Novas perspectivas antropológicas.** Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.